

# ÚLTIMA LIÇÃO

## UMA VIDA, UM CAMINHO, UMA ESPERANÇA

Prof. Doutor José de Paiva Boléo-Tomé\*

### Uma Vida, Um Caminho, Uma Esperança

Neste local magnífico, bem diferente daqueles em que temos marcado encontro, diariamente, ao longo dos anos, estou de novo convosco, mas numa situação bem diferente.

É que, ao cumprir a velha tradição universitária de proferir aquilo que tem sido chamado ÚLTIMA LIÇÃO, estou igualmente, sem dúvida, como que a prestar contas do que foi e do que tem sido uma vida dedicada em grande parte ao ensino, em áreas tão nobres e exigentes como a CIRURGIA e a RELAÇÃO HUMANA EM SAÚDE.

Na INTRODUÇÃO aos últimos currículos elaborados para provas académicas, recordei a figura do velho Professor, tão admiravelmente desenhada por Ingmar Bergman em “Morangos Silvestres”, que se interroga sobre a sua vida docente, o seu conteúdo, o seu valor, a sua mensagem, enquanto se desenrola a viagem para a Universidade, onde decorrerá a cerimónia da jubilação. Esta é a situação em que me encontro: o que foi, como foi, para quê e para quem, são as questões/dúvidas/esperança de quem atinge o termo oficial de uma carreira.

Questões/dúvidas/esperança que interessam e interpelam, fundamentalmente, dois interlocutores, que justificam e constroem os fundamentos da Universidade – aluno e docente. É nos encontros (ou desencontros...) destes dois elementos essenciais, que se comunica, se aperfeiçoa, e se difunde o conhecimento, no sentido universal que caracteriza o espírito humano.

Instruir e educar, ou educar para instruir, são caminhos indissociáveis neste processo de relação humana, que pouco a pouco aperfeiçoam e qualificam uma sociedade que procure o valor e o desenvolvimento na harmonia. Será assim a Universidade? Será este o caminho escolhido? Permitam-me que pense um pouco, em voz alta, sobre cada um dos interlocutores.

Um dos desafios que tenho colocado aos alunos, quando se aborda a problemática do exercício da Medicina, na relação humana muito especial que o caracteriza, é que, antes de mais, se conheçam como seres humanos. Trata-se de um desafio que, um pouco atrevidamente, me permito pensar que é um tanto esquecido, ou nunca foi conhecido, por alguma parte do corpo docente, universitário ou não.

\*Professor Catedrático de Cirurgia

Regente da Disciplina de Introdução à Medicina

Ex-Director do Serviço de Cirurgia Plástica, Reconstructiva e Maxilofacial do Hospital de Egas Moniz, Lisboa

Director Clínico da Faculdade de Medicina Dentária Universidade de Lisboa

Esse desafio pode sintetizar-se em três grupos de questões existenciais:

1. *Perante mim próprio* como vejo a minha vida? Que valor, que objectivo, que finalidade atribuo à minha existência, à minha presença, em qualquer momento do percurso como ser humano?

2. *Perante o grupo, a sociedade*, como me encontro, que atitude escolho? Membro de um rebanho? Isolado? Agressivo? Ferozmente egoísta? Ou, pelo contrário, solidário, atento, responsável?

3. *Na profissão*, nesta relação interpessoal privilegiada que se estabelece no dia a dia, como vejo a minha vida – na relação com a outra vida, o doente; na relação com a outra vida, o colega; ou na relação com outro profissional da equipa de saúde?

Estas são as questões que qualquer de nós, em qualquer idade ou lugar, deverá formular repetidamente, como quem desbrava um caminho novo, em cada momento diferente, em cada momento estimulante, talvez mesmo em cada momento surpreendente.

Voltemos aos interlocutores no processo de relação humana na Universidade.

O que é o PROFESSOR? Na tradição latina é o *mestre*, o que ensina, o que estabelece uma relação de sabedoria com o que estuda, o que aprende. Antes mesmo da relação pessoal ou da transmissão de conhecimentos, uma relação de sabedoria é relação de vida, no sentido de atitude humana perante os outros, como exemplo, como convicção, como referência. Eu posso “atirar” com conhecimentos como quem atira pedras, ou como quem agride, ou como quem despreza; numa relação de sabedoria, a presença, a palavra, a noção, a imagem, significam atenção, cuidado, interesse, solidariedade.

Mas mais ainda: o Professor baseia a sua acção docente em três pilares fundamentais: a *educação*, a *instrução*, e a *formação*.

“Educa, segundo a antiga imagem socrática, ajudando a descobrir e a pôr em prática as capacidades e os dons de cada um; *instrui*, no significado originário da palavra, isto é, oferece uma relação substancial”, concreta e carregada de conteúdo, “à estruturação da personalidade; e *forma*, segundo a compreensão humanística, que não limita esta palavra unicamente à aquisição de competências profissionais, mas as enquadra numa construção sólida e numa correlação transparente de significados de vida”<sup>(1)</sup>, isto é, procurar dar sentido a todos os actos de uma vida que deve ser humana.

O Professor é, assim, ou deveria ser, um elemento dinâmico, aberto ao espírito do aluno, disponível, presente, actual, exigente mas compreensivo, consciente das suas limitações humanas, mas disposto a aceitar sem reservas a responsabilidade de *educar, instruir e formar*.

Pergunto-me se terá sido esse o caminho escolhido desde que, e pela primeira vez, me coloquei perante uma pequena multidão de alunos, transformada num verdadeiro cacho humano comprimindo-se em qualquer posição num anfiteatro com metade da capacidade. Foi há 26 anos; tratava-se de alunos sem aulas havia vários meses, pertencentes a uma entidade universitária fugaz, que, no papel, deu pelo nome de Escola Superior de Medicina (formada pelo conjunto dos Hospitais Civis com o Instituto de Ciências Biomédicas de Lisboa), mas que, na realidade, não passava de uma espécie de anexo da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

1 - João Paulo II, 6 de Outubro, 2001; Discurso aos Professores Universitários.

Convidado a integrar o grupo de “recuperação”, assim lhe poderemos chamar, tentei transmitir a essa autêntica avalanche de estudantes de Medicina sem aulas e já com algumas passagens administrativas, um pouco da experiência de um cirurgião, e um pouco do sentimento de um médico.

Em Lisboa ou em África, vira-me inúmeras vezes face a face com a miséria e com o sofrimento, aprendendo a identificá-los e a conhecê-los, em muitas das suas múltiplas faces. Com frequência me saltaram ao espírito as frases de Asclépius, sob a forma de conselhos ao candidato a medico, ou as palavras de Hipócrates transmitidas aos discípulos. Numa relação docente-discente quase impensável (um dos cursos tinha cerca de mil alunos), será que foi possível *instruir, educar e formar?*

Esta, repito, deverá ser sempre a questão fundamental daquele que se propõe ensinar, em qualquer grau ou estatuto.

A coerência entre a palavra, a imagem, a atitude perante o aluno e perante os outros, no nosso caso também e de modo muito especial perante o doente que nos procura, desejando esperar e confiar, são ainda e serão sempre o modo mais eficaz de transmitir educação, instrução e formação.

O século XX, em que se desenrolou a quase totalidade da minha actividade profissional e docente, foi marcado, entre outros, por dois factos fundamentais:

O primeiro, a necessidade sentida pelos Estados de proclamar solenemente princípios éticos de comportamento que, até aí, se encontravam limitados ao corpo médico, segundo a formulação hipocrática e suas adaptações posteriores. Foi um facto extraordinariamente positivo que tem conduzido muitos Estados e Nações a uma melhor compreensão da inesgotável dignidade do ser humano e ao dever moral de o proteger.

O segundo facto, porém, já não tem a marca ética de respeito e de defesa da dignidade humana, embora seja essa a aparência dourada e protectora. Quando lemos atentamente os princípios da chamada «*Bioética Moderna*», assentes nas recomendações do Relatório Belmont – os princípios da *Autonomia*, da *Justiça* e da *Beneficência*, aparentemente tão puros, tão límpidos - sentimos que o Poder procura apoderar-se de novo da ética e dos comportamentos, tal como se apodera dos dinheiros e da vida dos povos, esquecendo, talvez propositadamente, que ele só existe e se justifica por uma missão de serviço.

Encontramo-nos, por isso, perante o aparecimento de uma «*Bioética de conveniência*», em que o bem pessoal pode situar-se em nítido confronto com bem social, ou inversamente, de acordo com aquilo que o Poder entender como “bem”, num sentido, ou no outro. Se o Poder entender que a *autonomia* da Pessoa se sobrepõe ao direito à vida, tudo pode acontecer aos “*não autónomos*” – crianças, deficientes, idosos, doentes crónicos; se, por outro lado, decidir que a *justiça* social é contrária à formação de elites, a Universidade será uma instituição obsoleta, ou deverá ser reduzida à sua ínfima espécie.

Esta verdadeira *negação de valores*, apoiadas em *valores de conveniência*, que está a marcar os tempos que atravessamos, põe claramente em risco a relação de qualidade humana de um ensino que deve educar, instruir e formar.

A Faculdade em que nos encontramos apostou desde o início na qualidade e na excelência. Esse foi o motivo que me levou a optar pelo ensino nesta instituição, quando, encontrando-me em regime de acumulação com a docência na Faculdade de Ciências Médicas, de cujo grupo fundador eu fizera parte, me foi colocada a necessidade de escolha.

Foi **esta** a escolha, tem sido **esta** a decisão, mesmo quando são impostos cursos cada vez maiores, à margem de qualquer bom senso ou planeamento nacional mínimo.

Este continua a ser o esforço, mesmo num final de actividade académica, que rapidamente se aproxima. *A qualidade, como opção consciente, não pode ter férias nem descanso.* Deveria ser este o pensamento de qualquer docente e, principalmente, de qualquer responsável pelas áreas chave da educação e da formação.

Será que, os caminhos que o Poder aponta, cada vez com mais insistência e agressividade, ao mesmo tempo estrangulando e exigindo instrução massificada tipo “linha automática de fabrico”, sem sentido e sem futuro, irão deixar algum espaço para essa qualidade que deve ser a marca universitária?

O esforço de qualidade, de que este novo espaço é um pequeno exemplo, está a ser constantemente posto em causa. As normas da educação em Portugal, ditadas superiormente, estão cada vez mais a ser reduzidas ao “insucesso escolar” em números, que deixou de ser permitido no ensino secundário, e talvez brevemente o seja igualmente no ensino universitário. Será que, por causa dos números e pelo que eles representam em índices supra-nacionais, iremos regressar às passagens administrativas de triste memória?

*A Ética de Conveniência* está em marcha.

Pergunto-me: Valerá a pena esse esforço de qualidade, em que tantos nos empenhámos e pelo qual teimosamente continuamos a lutar?

Esta questão conduz-me, naturalmente, ao segundo interlocutor no diálogo educativo – o ALUNO.

O que quer dizer daquele que, em provas duras e tantas vezes injustas, procura na Universidade um caminho, um futuro, um sonho?

É muito estranha a sociedade de consumo que há muitos anos se instalou e domina o mundo chamado civilizado. O jovem é um mercado: a *Ética de Conveniência* atribui-lhe, como mercado, e apenas como mercado, total *autonomia* de atitudes, de comportamentos, de decisões. Porquê e para quê?

O imediato, na posse, na atitude, na reacção, não dá espaço ao exercício pleno da LIBERDADE, entendida como *pensamento reflexivo, escolha consciente, capacidade de decisão, e caminho esclarecidamente escolhido*. A manipulação e domínio da mente humana, terrivelmente descritos por Orwell<sup>(2)</sup>, nunca, como hoje, foram tão insistentemente utilizados, nas suas formas mais traiçoeiras, para fazer da juventude uma força de pressão sem valores, anárquica, dissolvente, imediatista. Tê-lo-ão conseguido, os poderes que se dedicam a este jogo de destruição? As tão faladas “gerações rasca” serão uma realidade?

Permitam-me que regresse um pouco às minhas memórias.

1975. O grupo que aceitou *recuperar* os alunos de Medicina abandonados, sem aulas, e conhecido como rebelde e refractário a toda a disciplina, preparou um Regulamento do Curso – curto, claro, exigente. Os alunos discutiram-no em RGA. Resultado final: concordância quase total com o conteúdo, excepto num capítulo, a exigência. Pediram maior exigência nas avaliações e nas presenças, propondo uma clara redução no número de faltas permitidas. Aceite a proposta, pude assistir e admirar o cumprimento escrupuloso das normas estabelecidas. Juventude rebelde, ou juventude abandonada?

2- G. Orwell - in “1984” e “O Triunfo dos Porcos”.

1979. O Conselho Científico da Faculdade de Ciências Médicas pede-me para iniciar um Curso “impensável” – o de Deontologia Médica. E avisa-me de que um numeroso grupo de alunos iria contestar as aulas. Avisado e receoso, iniciei as aulas de Deontologia.

Não me recordo de ter existido o mais pequeno desacato. No final, a Faculdade exigiu uma prova escrita, bem contra a minha vontade, expressa nos objectivos entregues no início. É fácil avaliar o conhecimento do articulado de Códigos Deontológicos; mas não é possível realizar exames de ideais de comportando profissional e humano, em áreas tão especiais como são a dignidade humana e a relação médico-doente. Decidi-me, um tanto arrojadamente, confesso, por uma única questão: *Qual é a tua atitude perante a vida e perante a morte?* Esperei tudo, menos o que se passou no final: ao entregarem o ponto, em voz baixa, como que em confiança, uma grande parte dos alunos segredou-me: *“Obrigado Professor, por nos ter feito pensar”!*

Contestatários, anarquistas, nihilistas? Ou apenas jovens sequiosos de vida que outros não quiseram tomar a sério?

Início do ano 2000. Dois jornais de grande tiragem decidiram fazer do meu nome o símbolo de alguns crimes deontológicos. Nesta situação de enorme sofrimento moral, poucos dias depois foi-me entregue uma carta, acompanhada por várias folhas completamente recheadas de assinaturas, representando todos os alunos da Faculdade.

Curta, impressionante e comovente, nela pude ler frases como *“É com grande orgulho que podemos afirmar que somos seus alunos”* ou ainda *“Gostaríamos que soubesse que todos os alunos desta Faculdade o apoiam incondicionalmente”!* Espontânea, rápida, directa, como que num grito de alma de quem recusa deixar-se manipular pelos poderes dominantes. Juventude perdida? Ou juventude ávida de Verdade e de Valor?

Três exemplos de um caminho escolhido voluntariamente, conscientemente. Mas três exemplos de Esperança, que justificam e exigem o esforço de qualidade que é urgente investir cada vez mais em todos os graus de ensino.

*A Ética de Conveniência* tem de ser contestada até à exaustão. O Poder é um serviço, não é uma “posse”, arbitrária e impune.

Regresso assim às questões iniciais.

Como vi, como vimos, ou como vejo, como vemos, cada um de nós, Professores e alunos, a nossa vida de seres humanos, no seu significado, no seu valor, na sua finalidade?

Como me coloquei, como nos colocámos, ou como me coloco, como nos colocamos, perante o grupo a que pertencemos, ou a sociedade de que fazemos parte? Aceitamos ser responsáveis, solidários?

Como compreendi e soube introduzir, ou como cada um de nós, Professores e Profissionais, compreendeu e conseguiu introduzir no ensino e na prática do dia a dia os conceitos admiráveis de respeito, responsabilidade, ajuda educativa, apoio e alívio na dificuldade ou no sofrimento...?

O caminho que escolhemos, ou que vós todos, alunos e jovens profissionais, decidirem escolher, foi e será o caminho da valorização humana nas suas vertentes pessoal, profissional e social,

3 - Abertura solene da Universidade de Lisboa, 7 de Novembro de 2001; Doutoramento “Honoris Causa” do Dr. Fernando Nobre, Presidente da AMI.

se aceitarem a responsabilidade e a solidariedade amiga como pedras angulares; de contrário, se decidirem embarcar na grande nave da *Ética de Conveniência*, não passará de uma acumulação de egoísmos ou de inutilidades, sem valor e sem esperança.

Há bem poucos dias, na sua abertura solene<sup>(3)</sup>, a Universidade de Lisboa tomou a iniciativa de prestar uma sentida homenagem à Solidariedade amiga e à Esperança, largamente abertas, sem quaisquer fronteiras, quando impôs as insígnias doutorais ao Presidente da AMI. Não foi, com certeza, um acto de conveniência: foi um caminho de qualidade apontado a todos, cumprindo a missão tão nobre da Universidade – *educar, instruir, formar*, na responsabilidade, no valor, na dedicação, na competência, na disponibilidade, na abertura aos outros e ao mundo.

Meus amigos: em boa verdade, esta não foi uma lição, a última, como estabelecem os usos e costumes.

Foi uma confiança, daquele que, ao longo de muitos anos, aprendeu a conhecer a qualidade e a potencialidade extraordinárias do jovem que procura a Universidade.

Foi uma confiança e também uma profunda reflexão de quem, seguindo a imagem do velho Professor, de Bergman, se surpreendeu e procurou compreender a espantosa qualidade do morango que brota espontaneamente num silvado, selvagem, agressivo, traumático, mas tão rico de cor e de sabor.

Foram apenas as palavras, oficialmente as últimas, de quem, tendo lutado muito, sofrido bastante, nunca, mas nunca desistiu de sonhar.

Obrigado a todos pela presença amiga neste encontro com o Passado e com o Futuro, que é tradição designar como *ÚLTIMA LIÇÃO*.

Mas obrigado principalmente a vós, *alunos de toda uma Vida*, pelo sorriso, pela alegria, pela esperança, pela certeza do futuro.

Lisboa, 23 de Novembro de 2001

#### REFERÊNCIAS

- 1 - João Paulo II, 6 de Outubro, 2001; Discurso aos Professores Universitários
- 2 - G. Orwell - in “1984” e “O triunfo dos Porcos”
- 3 - Abertura solene da Universidade de Lisboa, 7 de Novembro de 2001; Doutoramento “Honoris Causa” do Dr. Fernando Nobre, Presidente da AMI